

# **Contradições do processo de produção do espaço urbano e dinâmica econômica recente em Macaé-RJ.**

Oséias Teixeira da Silva<sup>1</sup>

GT 3: a produção da cidade, redes, agentes e ações da periferia

## **RESUMO**

O termo produção do espaço tem sido amplamente utilizado na Geografia e em outras ciências sociais como uma forma de se pontuar que o espaço é produzido socialmente e não simplesmente uma coisa. O objetivo do presente trabalho é avançar na compreensão do processo de produção do espaço, partindo da discussão do processo de produção de mercadorias, para o processo de produção do espaço para em seguida rediscutir essa base teórica a partir do exemplo da urbanização macaense. A metodologia do presente trabalho consiste na revisão crítica da bibliografia sobre o tema da produção em geral e do espaço, no resgate histórico do processo de produção espaço urbano na cidade bem como na análise de dados estatísticos provenientes da RAIS, em relação a dinâmica recente do setor de petróleo e da construção civil. Os resultados obtidos apontam para uma relação muito próxima entre a dinâmica econômica e a dinâmica da produção do espaço urbano na cidade de Macaé.

**Palavras-chave:** produção de mercadorias; produção do espaço; agentes produtores do espaço urbano; Macaé-RJ.

## **Introdução**

O termo produção do espaço tem sido amplamente utilizado na Geografia e em outras ciências sociais como uma forma de se pontuar que o espaço é produzido socialmente, e assim sendo não se trata simplesmente de um palco, ou de uma forma pura, esvaziada de conteúdo. O conceito de produção do espaço, oriundo da obra de Henry Lefebvre, representa uma tomada de posição em relação ao significado social, e, portanto, uma abordagem crítica em relação ao conceito de espaço. Se o espaço é produzido socialmente, a análise do espaço precisa abarcar a compreensão da atuação contraditória dos agentes produtores do espaço urbano, bem como os interesses envolvidos nessa produção.

No entanto, para avançarmos ainda mais na utilização desse conceito precisamos aprofundar a compreensão desse processo de produção. O objetivo do presente trabalho é avançar na compreensão do processo de produção do espaço, discutindo e rediscutindo a dimensão teórica desse processo a partir do exemplo da

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal Fluminense IFF – Campus Macaé, [oseiasgeografo@gmail.com](mailto:oseiasgeografo@gmail.com).

cidade de Macaé. Reforçamos que teoria e empiria não podem ser blocos de construção isolados mais elementos de um mesmo processo de apreensão da realidade como concreto pensado (MARX, 2016) sendo que a teoria se alimenta da empiria e vice versa.

No tópico seguinte analisamos o conceito de produção do espaço diferenciando-o do conceito de produção de mercadorias. Em outras palavras buscamos apontar em que a produção do espaço se assemelha a produção de mercadorias e em que se distancia. No tópico seguinte analisamos o processo de produção do espaço de Macaé buscando a relação dialética entre empiria comentada acima.

### **O conceito de produção no capitalismo.**

O conceito de produção se refere a um processo de transformação da natureza em objetos úteis ao ser humano. Diferente do que o termo pode denotar não se trata de criar algo do nada, mas pelo contrário, produção sempre remete, em qualquer sociedade histórica, a uma relação determinada entre os homens e a natureza e dos próprios homens entre si. Segundo Marx:

Toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior e por meio de uma determinada forma de sociedade. Nesse sentido, é tautologia dizer que a propriedade (apropriação) é uma condição da produção. Mas é ridículo saltar daí a uma forma determinada da propriedade, a propriedade privada, por exemplo, (o que, além disso, pressupõe uma forma antagônica, a não-propriedade, como condição). A história nos mostra, ao contrário, a propriedade comum (entre os índios, os eslavos, os antigos celtas etc., por exemplo), como a forma primitiva, forma que, todavia, desempenhou durante muito tempo um importante papel, sob o aspecto da propriedade comunal (MARX, 2003, p. 243).

Como colocado pelo autor toda produção parte da apropriação da natureza pelo indivíduo. No entanto, este indivíduo é sempre um integrante de uma sociedade, inserido em um conjunto de relações sociais e simbólicas determinadas de modo que todo processo de produção precisa ser compreendido no interior dessas relações sociais em que está inserido o que significa que processos de produção aparentemente semelhantes em termos de formas e técnicas utilizadas podem ter significados sociais muito distintos. A produção de uma canoa, por exemplo, mesmo se utilizando as mesmas técnicas e instrumentos têm um sentido totalmente diferente

se essa produção se dá em uma sociedade tribal ou como parte de uma relação de trabalho assalariado.

Outro aspecto importante a ser destacado do texto se trata de que a produção não pressupõe a apropriação privada da terra ou dos meios de produção. Historicamente a produção social pode se dar dentro das mais diversas formas de propriedade, sendo a propriedade privada apenas uma delas. No sistema capitalista a produção tem como pressuposto a apropriação privada dos meios de produção pelo capitalista, seja esse meio de produção a terra, uma fábrica, ou os próprios instrumentos de produção. Ao explorar a situação do trabalhador no processo de produção, Marx afirma que:

Para que seu possuidor venda-a como mercadoria, ele deve poder dispor dela, ser, portanto, livre proprietário de sua capacidade de trabalho, de sua pessoa livre no duplo sentido de que ele dispõe, como pessoa livre, de sua força de trabalho como sua mercadoria, e de que ele, por outro lado, não tem outras mercadorias para vender, solto e solteiro, livres de todas as coisas necessárias à realização da sua força de trabalho (MARX, 1987, p. 139).

Portanto o trabalhador, no processo de produção é livre em dois sentidos opostos e contraditórios. Ele é livre porque ele não é definitivamente subordinado aos interesses da classe dominante, não sendo obrigado a permanecer inserido nessas relações independente da sua vontade como ocorre no feudalismo da mesma forma que ele também não é simplesmente uma mercadoria, como ocorre no escravismo, estando, portanto, sujeito a todos os caprichos do seu proprietário. Tudo que prende o trabalhador ao capitalista é uma relação contratual, inserida dentro de um mercado específico: o mercado de trabalho e que pode ser rompida a qualquer momento tanto pelo trabalhador quanto pelo capitalista. Assim o trabalhador não está preso à produção podendo livremente abandoná-la quando desejar.

Por outro lado o trabalhador também é livre de todos os bens necessários para a sua reprodução enquanto trabalhador e da sua família. Portanto, na pessoa do trabalhador estão presentes os dois sentidos opostos da palavra livre: ou seja, ele é livre porque não está subordinado a ninguém e é também livre por não ter acesso aos meios que permitem a reprodução da sua existência. Assim a condição do trabalhador é tal que sua liberdade é uma virtualidade constantemente negada na prática, pois o trabalhador não é obrigado a permanecer em um trabalho contra sua vontade, sendo

que, no entanto, caso ele decida ir embora ele ficará privado do salário que garante a sua sobrevivência ao menos que consiga rapidamente outro emprego com outro capitalista. Ou seja, embora possa escolher a qual relação de trabalho irá se submeter o trabalhador jamais poderá escolher a rejeição da exploração em si a menos que ele abandone sua condição de trabalhador. A partir dessas referências e compreendendo a produção ao mesmo tempo como uma relação contraditória dos homens entre e com a natureza, discutiremos no próximo tópico o conceito de produção do espaço.

### **O conceito de produção do espaço no capitalismo.**

Se falarmos em produção do espaço, é preciso aprofundar o que de fato significa o termo produção do espaço e em que sentido a produção do espaço se assemelha a produção de mercadorias. Numa primeira aproximação o espaço geográfico, espaço em que os seres humanos vivem é produção social. Ou seja, sobre o espaço é possível dizer o mesmo que afirmamos sobre a produção em geral e sobre a produção de mercadorias em particular: o espaço é resultado de um processo em que a natureza é transformada pelo trabalho em objetos úteis ao ser humano, sendo o objeto nesse caso é o próprio espaço. No entanto, a relação entre o espaço e a produção em geral se dá de forma bem específica, como aponta Lefebvre:

O espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações de produção. Para compreendê-lo é preciso tomar como referência a reprodução das relações de produção, e não a produção no sentido estrito dos economistas, isto é o processo de produção das coisas e seu consumo. Portanto o espaço da produção, nesse sentido amplo, implicaria e conteria em si a finalidade geral, a orientação comum a todas as atividades na sociedade capitalista (LEFEBVRE, 2008, p. 48).

Como afirma o autor a produção do espaço está diretamente ligada à produção em um sentido mais amplo do que é comum utilizá-lo. Ou seja, o espaço não estaria diretamente ligado à produção de mercadorias apenas, mas a produção social de forma geral, a produção da sociedade como um todo e a finalidade geral da sociedade capitalista, isto é, a acumulação de capital. Isto porque é o espaço que permite a partir da sua forma contraditória de produção a reprodução da sociedade capitalista, uma vez que esta sociedade como qualquer outra, se não considerarmos o espaço que ela produz e que lhe permite viver, não passa de uma abstração vazia.

Para utilizarmos uma metáfora familiar, poderíamos dizer que o espaço é o corpo do ser social, e assim como um indivíduo não pode existir concretamente sem um corpo, uma sociedade não pode existir sem um espaço, pois como afirma Santos “produzir e produzir espaço”(SANTOS, 2008, p. 153) e assim sendo, assim como a produção é uma necessidade irremediável das sociedades humanas, assim também o é a produção do espaço. Porém o espaço não está relacionado apenas com essa visão mais ampla do termo produção, mas também com uma segunda definição, mais restrita. Whitaker discute essas duas definições de produção do espaço da cidade no trecho a seguir:

Embora seja usado em muitas acepções, não se trata de um conceito de menor importância. Podemos destacar pelo menos duas mais importantes e não necessariamente opostas: uma ampla e outra restrita. A primeira, levando em conta a historicidade que toda realidade contém, compreende a temporalidade dos fatos, a dinâmica dos acontecimentos e os processos de mudança, permanência e transformação. Podemos pensar a cidade a partir dessa acepção ampla ao analisarmos a urbanização como processo e realidade que é. Numa outra acepção, esta restrita, coloca-se a práxis, conjunto de práticas que traz em si o devir e que, originalmente, não se restringe à práxis política, mas também à práxis econômica, e que se materializa no concreto da cidade, em oposição à acepção ampla, que não seria observável em tempo curto, por ser processual (WHITAKER, 2003, p. 28).

Portanto a produção do espaço se refere tanto à produção no sentido mais amplo, quando nos referimos ao processo de urbanização ou metropolização, aos padrões de urbanização de um país ou uma região no médio e longo prazo, quanto à produção no sentido restrito, ou seja, produção imobiliária que se dá principalmente pela ação das empresas da construção civil, além da produção encetada pelo Estado e diversos agentes não hegemônicos. Isto porque quando pensamos na temporalidade da urbanização estamos nos referindo à produção do espaço como algo imediatamente relacionado à reprodução das relações de produção, ou seja, a constante criação e recriação de todas as condições que permitem a permanência da sociedade capitalista. Assim quando nos referimos à produção do espaço nesse tempo longo da urbanização trata-se justamente daquilo que Lefebvre chama atenção na citação anterior: ou seja, a produção do espaço como elemento fundamental para viabilização da permanência da sociedade capitalista enquanto tal.

Por outro lado, no entanto, a produção do espaço também se coloca como uma atividade econômica inserida dentro da economia capitalista e como tal se refere à

produção de uma mercadoria específica seja uma moradia, ou uma área comercial, por exemplo. Como um setor econômico, bastante particular por sinal, a produção do espaço se relaciona com a produção de uma mercadoria específica, sendo que, portanto, as afirmações realizadas anteriormente também são válidas para a produção dessa mercadoria, ou seja, a produção do espaço em sua dimensão econômica imediata é também uma produção social tanto pela divisão técnica entre os trabalhadores da construção civil e outras atividades afins quanto pela divisão social que permite que alguns trabalhadores se dediquem a essa atividade específica.

Essa dupla natureza da produção do espaço, relacionada tanto a produção em seu sentido amplo quanto restrito é a principal diferença entre o processo de produção do espaço e o processo de produção de outras mercadorias. A produção de mercadorias está diretamente ligada à concepção restrita de produção, o processo de produção de coisas, que como dito anteriormente se viabiliza pela divisão técnica e se insere na divisão social do trabalho. Uma vez produzidas e transacionadas no mercado, as mercadorias se tornam elementos que viabilizam a reprodução da sociedade capitalista. Cada mercadoria representa, portanto uma pequena fração de demanda social, demanda solvável obviamente, sendo que esse conjunto de mercadorias produzido permite a reprodução da sociedade como um todo. Portanto a relação das mercadorias particulares com a produção em sentido amplo, ou seja, a produção e reprodução das relações sociais de produção capitalistas só se dariam de forma mediata, quando consideramos o conjunto da produção de mercadorias e sua venda no mercado.

No entanto quando falamos de produção do espaço podemos constatar que se trata da produção de uma mercadoria em particular: uma moradia; um shopping center; um edifício de escritórios; etc, mas ao mesmo tempo esse termo se refere ao processo de produção da totalidade do espaço, urbano ou rural, e nesse sentido sua compreensão se confunde com a do processo de urbanização. Portanto o termo “produção do espaço” possui em si essa ambiguidade ontológica, ao designar ao mesmo tempo um processo de produção particular e o processo de produção geral do espaço social. É nesse sentido que o processo de produção do espaço se difere da produção de uma mercadoria industrial qualquer, por se referir ao mesmo tempo ao processo de produção de uma mercadoria industrial particular e de um processo

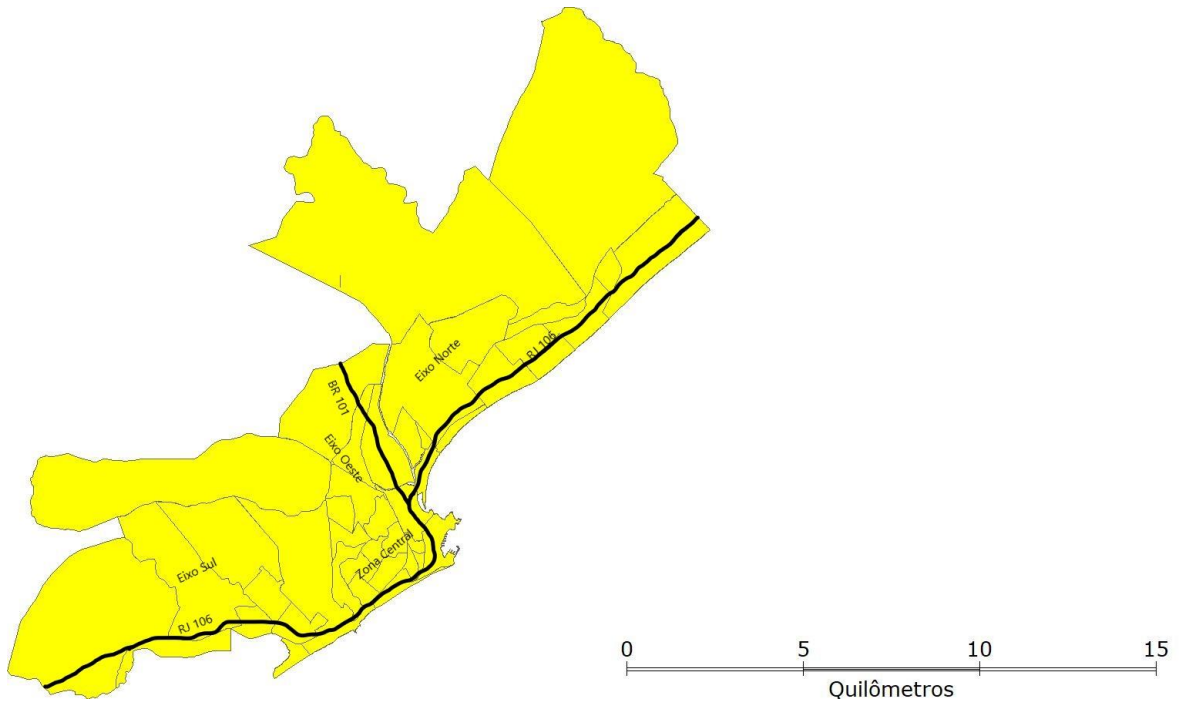
social de produção do espaço. No próximo tópico a partir do exemplo da urbanização macaense buscaremos rediscutir essa concepção de produção do espaço.

### **Processo de produção do espaço urbano em Macaé.**

A cidade de Macaé se localiza no interior do Estado do Rio de Janeiro é conhecida como a cidade do Petróleo, tendo passado por uma fase de intenso crescimento urbano a partir da década de 1970, devido à implantação da base logística da Petrobras para apoio as atividades offshore na bacia de Campos. A instalação de inúmeras empresas do ramo offshore na cidade, o crescimento da exploração de petróleo na Bacia de Campos e a geração de empregos qualificados e bem remunerados no setor gerou uma intensa dinâmica urbana manifestada na expansão constante do tecido urbano e da população que mais que triplicou entre 1970 e 2010 (SILVA, 2019).

Dentro desse contexto, um dos setores com mais intenso dinamismo é justamente o setor imobiliário, em que temos a produção em sequência de bairros nobres, a partir de um eixo que se configura a partir da praia dos Cavaleiros e dentro desses bairros temos a produção de condomínios fechados e outras formas de enclaves como *shopping centers*. Dentro desse eixo sul, que se inicia grosso modo a partir do bairro de Cavaleiros é que se concentra a produção imobiliária de alto padrão voltada para a classe média e média alta. Outros dois eixos se configuram com a expansão da mancha urbana da cidade a partir da década de 1970: um eixo norte, que se inicia após a ponte da Barra que cruza o Rio Macaé e um eixo oeste que se inicia no bairro Aroeira. O mapa 1 apresenta a localização da cidade de Macaé no estado do Rio de Janeiro e das zonas de expansão urbana dentro dessa cidade.

**Mapa 1: localização da cidade de Macaé e suas zonas de expansão urbana.**

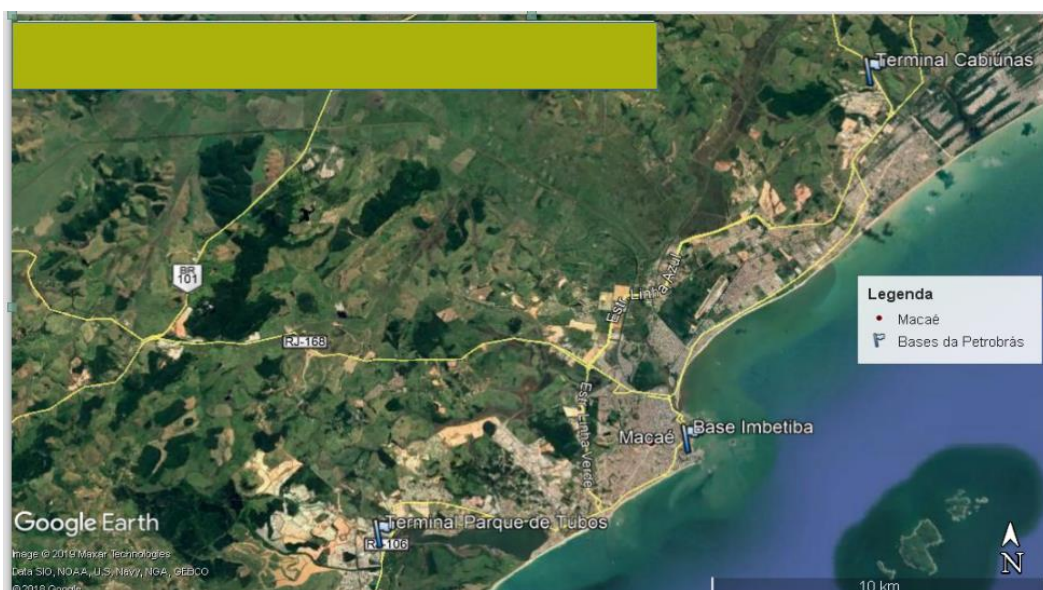


**Fonte: IBGE, 2010. Elaborado pelo autor.**

Esse crescimento foi desde o início orientado pela instalação das bases mais importantes da Petrobras na cidade: a base de Imbetiba, o Terminal Cabiúnas e o Terminal Parque de Tubos. Duas dessas unidades foram instaladas em pontos extremos do município, em áreas bem distantes do tecido urbano consolidado da cidade. O mapa 2 apresenta a localização dessas bases da Petrobras na cidade:

**Mapa 2: Localização das bases da Petrobras em Macaé.**





Fonte: Google Earth, elaborado pelo autor.

Se compararmos o mapa 2 com o mapa 1, podemos perceber que das três zonas de expansão mencionados no mapa 1, dois estão diretamente ligados a presença de instalações da Petrobras. A zona Norte está diretamente ligada à presença do Terminal Cabiúnas, instalação da Petrobras utilizada para envio de petróleo e gás para a Reduc e mais recentemente também utilizada como local de beneficiamento do gás natural (Pessanha, 2017). Já a zona Sul está diretamente ligada à presença do Terminal Parque de Tubos, unidade que funciona como retroporto do porto de Imbetiba, além de abrigar outras instalações da empresa. Na base Imbetiba, por outro lado, além de termos o porto que é utilizado para abastecer as plataformas da bacia de Campos, também temos a base administrativa da empresa na cidade.

A base de Imbetiba fica no bairro de mesmo nome, bairro este que é um dos mais antigos da cidade tendo sido este bairro e a praia nele localizado o responsável pela fama de balneário adquirida pela cidade nos anos 1950. Porém o Terminal Parque de Tubos e o Terminal Cabiúnas foram quando da chegada da Petrobras na cidade na década de 1970, localizados em pontos extremos dos limites municipais, sendo o Parque de Tubos bem próximo à divisa com o município de Rio das Ostras e o Terminal Cabiúnas bem próximo à divisa com o município de Quissamã.

Nesse momento a malha urbana da cidade correspondia basicamente ao centro da cidade e o bairro Imbetiba, sendo que no entorno dessas duas instalações praticamente nenhuma ocupação urbana existia. As instalações do Terminal Parque de Tubos e do Terminal Cabiúnas incentivaram não apenas a ocupação no entorno dessas unidades, seja com instalação de empresas offshore seja com o surgimento de loteamentos regulares ou mesmo clandestinos, mas também a ocupação das amplas áreas entre essas unidades e área central da cidade de Macaé. O crescimento da cidade de Macaé, de caráter fortemente linear, também deve ser compreendido no contexto da integração com o município vizinho de Rio das Ostras, sendo que devido à proximidade deste município com o Parque de Tubos e o menor custo dos terrenos fez com que boa parte da expansão urbana que poderia ter se dado em Macaé acabasse se direcionando a este último município, o que reduziu a tensão no sentido da verticalização da cidade.

Outro elemento explicativo para esse fenômeno é a legislação urbana que até a década de 1990 restringia a construção de edifícios na zona central da cidade (BARUQUI,2004). A partir disso podemos afirmar a expansão urbana da cidade de Macaé é na sua gênese dispersa, estimulada pela presença dessas duas unidades da Petrobras e do conjunto de empresas que irá se instalar no entorno dessas duas unidades em áreas muito distantes do tecido urbano consolidado da cidade.

Tal padrão de expansão urbana, com o tecido urbano se expandindo fortemente nessas duas direções explica algumas características marcantes da estrutura urbana da cidade de Macaé, como a baixa presença de áreas verticalizadas e a extensão fortemente linear da maior parte de sua mancha urbana. Em conjunto com essa grande expansão urbana temos um forte incremento populacional, sendo que segundo dados censitários, o município de Macaé possuía em 1970, 65.318 residentes enquanto em 2000, tinha 132.461 residentes e em 2010, 206.728 residentes. Portanto entre 1970 e 2000 a população do município mais que dobrou enquanto entre 2000 e 2010, portanto ao longo de apenas 10 anos, a população do município cresceu em mais 70.000 habitantes.

Retomando o debate acima colocado, podemos compreender como a urbanização de Macaé pode ser compreendida tanto a partir da dimensão restrita e ampliada de produção do espaço discutida anteriormente. No sentido restrito a

urbanização aparece como um amplo processo de produção social, estimulado pela demanda relacionada às atividades de petróleo e gás que atraem trabalhadores, empresas, estimula a valorização do tecido urbano e forçam uma expansão contínua tanto relacionada à expansão de áreas de classe média como de áreas populares. Como vimos anteriormente à expansão de bairros de classe média se dá principalmente em direção ao eixo sul e a dos bairros populares em direção aos eixos norte e oeste. Esse processo de urbanização já foi descrito como caótico (PIQUET, 2005). (SILVA, 2021) realiza uma crítica dessa concepção da urbanização macaense como caótica ao demonstrar que essa concepção de urbanização caótica ignora o fato de que diversos agentes sociais contribuem e lucram com esta modalidade de expansão do espaço urbano levada a cabo com a urbanização de Macaé. A ideia de caos pode deixar de lado justamente o papel desses agentes do caos e que lucram com esse caos aparente, mas que se transformam em lucros reais.

Por outro lado, faz sentido utilizar o termo caótico quando apontamos que o poder público ou a sociedade civil não atuaram no sentido controlar alguns aspectos mais nocivos da urbanização macaense e que tem efeitos deletérios mesmo do ponto de vista da organização das atividades produtivas, como se dá com a expansão urbana acelerada em áreas sujeitas a alagamento e a intensificação dos congestionamentos devido à expansão urbana difusa. Assim como processo de produção em sentido ampliado a urbanização macaense é uma produção social, mas que contraditoriamente tem efeitos negativos para muitos dos agentes sociais sendo que nenhum deles isoladamente ou em conjunto consegue controlar o processo de produção do espaço urbano e seus efeitos deletérios.

Mas por outro lado a produção do espaço urbano de Macaé se constitui a partir de uma multiplicidade de processos de produção imobiliária que pode se organizar de forma capitalista ou não capitalista. A produção imobiliária capitalista pressupõe uma relação direta entre as empresas de incorporação, empresas juridicamente responsáveis pela obra, pelo seu financiamento e da venda das unidades, os proprietários fundiários, donos dos terrenos em que se dá a produção e as empresas de construção civil, responsável diretamente pelas obras (CORREA, 2004). Por outro lado, a produção imobiliária não capitalista envolve um conjunto amplo de agentes que produzem imóveis que pelo menos num primeiro momento não são voltados para

a venda no mercado, como se dá com a produção encetada pelo Estado e aquela produzida pela população de baixa renda em favelas e loteamentos populares.

No caso da cidade de Macaé, como aponta (BARUQUI, 2004) tem-se uma produção imobiliária produzida pelas classes populares distribuída em uma ampla área que engloba os eixos norte e leste conforme apresentados neste trabalho, que irão se unir a partir do surgimento do bairro Nova Leocádia cuja ocupação se dá em uma área de mangue e constitui uma ligação entre os bairros Nova Holanda, no eixo norte, e Malvinas no eixo oeste (BARUQUI, 2004). Por outro lado, a produção imobiliária capitalista se concentra no eixo sul, em que uma sucessão de bairros de classe média e média alta estão associados à produção imobiliária de empresas locais, regionais e nacionais (SILVA, 2021). Após analisar a dinâmica geo-histórica da urbanização macaense, no próximo tópico analisamos a evolução recente da economia macaense centrado no setor mais dinâmico economia da cidade: o setor de petróleo e gás.

### **A crise da cadeia de petróleo e as transformações recentes na economia Macaense.**

Como aponta(PAGANOTO, 2012) o crescimento urbano da cidade Macaé deve-se a atração de moradores de outros municípios e mesmo de outros estados brasileiros, sendo que apenas uma pequena parte desses trabalhadores conseguiu se inserir de fato na economia do petróleo. Os salários existentes nessa atividade e ampla disponibilidade de empregos, segundo esse autor, geravam uma alta atratividade de moradores para a cidade, sendo, portanto, a dinâmica demográfica e econômica da cidade diretamente relacionada a atividade do petróleo. Assim nesse tópico analisamos dados referentes ao emprego no subsetor indústria extrativa mineral, segundo os dados da RAIS. Os dados da tabela 3, então, apresentam a evolução do emprego para o subsetor indústria extrativa mineral para as macrorregiões e o Brasil entre 2010 e 2018. O objetivo da análise dessa tabela é discutir a evolução geral da atividade no Brasil para posteriormente compará-la com a dinâmica da atividade em Macaé:

De forma geral podemos notar um aumento do número de empregos entre 2010

Área	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Região Norte	19366	22660	26312	26534	26754	25187	24900	24903	25387
Região Nordeste	35576	41051	44811	44355	43121	41002	36941	34391	36457
Região Sudeste	122664	132432	150043	151965	149812	138618	126494	121718	119103
Região Sul	20823	20641	22076	22289	22379	20582	19106	18235	17556
Região Centro-Oeste	12366	14116	15668	15889	15327	14829	13625	12833	13839
Brasil	211216	231389	259297	261383	257606	240488	221331	212337	212629

Fonte: Relatório Anual de Informações sociais - Rais/MTE acesso em 16/09/21

e 2014 e uma tendência de redução do número de empregos entre 2015 e 2018, assim essa é uma atividade com evolução claramente cíclica, diretamente ligada com a dinâmica geral da economia que apresenta crescimento entre 2010 e 2014 e estagnação entre 2015 e 2018. No caso do Brasil, verifica-se uma ampliação de 46.390 empregos entre 2010 e 2014 e uma redução de 44.977 empregos entre 2014 e 2018. Assim, o volume de empregos gerados entre 2010 e 2014 foi praticamente todo perdido entre 2014 e 2018.

Todas as macrorregiões brasileiras seguem o padrão acima descrito com crescimento do número de empregos entre 2010 e 2014 e redução do número de empregos entre 2014 e 2018. Registram-se os seguintes dados para as macrorregiões entre 2010 e 2014: Região Norte (1.367 empregos a mais); Região Nordeste (7.545 empregos a mais); Região Sudeste (27.148 empregos a mais); Região Sul (1.556 empregos a mais); Região Centro-Oeste (2.961 empregos a mais).

No segundo período, entre 2014 e 2018 são registrados os seguintes dados: Região Norte (1.367 empregos a menos); Região Nordeste (6.644 empregos a menos); Região Sudeste (30.709 empregos a menos); Região Sul (4.823 empregos a menos); Região Centro-Oeste (1.488 empregos a menos).

Um aspecto interessante é que assim como ocorre com o Brasil, os ganhos de emprego do primeiro período são quase inteiramente perdidos no segundo período, o que reforça tratar de um crescimento conjuntural, que foi facilmente revertido pela crise. Há que se ressaltar, ainda, a heterogeneidade estrutural do subsetor, uma vez que engloba atividades extrativas muito distintas e com requisitos técnicos muito diferenciados desde a extração de petróleo em águas profundas, por exemplo, que exige altíssimo investimento de capital até atividades como a extração de areia que,

em muitos locais do país, ainda é feita de forma manual sem utilização de nenhum tipo de maquinário sofisticado.

No entanto, apesar da heterogeneidade interna, a evolução comum indica que, provavelmente, a maior parte do emprego do subsetor está ligada às atividades voltadas ao mercado interno e, portanto, diretamente ligadas ao ciclo econômico da economia nacional. A seguir serão comparados esses dados com a evolução deste subsetor na cidade de Macaé. A tabela 2, a seguir, apresenta a evolução do emprego no subsetor indústria extrativa mineral para o conjunto dos municípios da aglomeração urbana de Macaé.

Ano	Macaé	Carapebus	Cardoso Moreira	Casemiro de Abreu	Campos dos Goitacazes	Conceição de Macabu	Quissamã	Rio das Ostras
2010	26.786	0	25	12	219	3	2	221
2011	26.518	1	27	11	237	3	0	1.310
2012	29.433	1	44	13	264	8	2	1723
2013	30.405	0	45	16	338	6	3	1992
2014	28.932	22	69	22	343	74	11	1975
2015	26.265	0	37	48	256	17	2	2041
2016	21.366	0	55	22	261	3	7	1728
2017	19.567	0	35	24	209	3	9	1496
2018	19.592	0	33	21	194	3	3	1102

Fonte: Relatório Anual de Informações sociais - Rais/MTE acesso em 16/09/21

A aglomeração urbana de Macaé corresponde a um conjunto de municípios, que embora não conurbado à cidade de Macaé, esses têm forte ligação com esta cidade indicada pelo intenso fluxo pendular entre esse conjunto de municípios e Macaé. (SILVA, 2019) delimita essa aglomeração, levando em conta o conjunto dos municípios das Regiões Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas, com base em dados do Censo 2010, a partir dos seguintes critérios: 1- pelo menos 10% do total da população se deslocando pendularmente; 2- pelo menos 20% da população que se desloca pendularmente, se deslocando para Macaé; 3- os municípios não incluídos pelo critério 2, poderiam ser incluídos caso o total de pessoas se deslocando para o conjunto dos municípios identificados no critério 2 fosse maior que 10%. Portanto, este representa um conjunto de municípios fortemente vinculados à dinâmica urbana de

Macaé, tendo em alguns casos mais de 85% da população que se desloca pendularmente para Macaé e, portanto, do ponto de vista do fenômeno urbano pode ser considerada uma unidade e, por isso, aparecem na tabela dispendo esse conjunto de municípios para que se possa aferir em que medida a atividade extrativa relacionada à produção do petróleo se espraia ou não para os demais municípios da aglomeração urbana.

O primeiro aspecto que chama a atenção em relação à atividade extrativa mineral em Macaé é a relevância do complexo relacionado à exploração de petróleo em termos de geração de empregos. Trata-se de um complexo capaz de gerar um volume significativo de empregos diretos e, certamente, também indiretos em comparação com o restante do país.

Assim, o volume de empregos em Macaé, em 2010, é superior ao volume de emprego em toda a região Centro-Oeste, em toda a região Norte e em toda a região Sul. Quando se pensa, por exemplo, que um dos carros chefes da economia da região Norte é justamente o extrativismo e se vê que somente a cidade de Macaé gera mais empregos nesse setor do que toda a região Norte há que de fato considerar a relevância desse complexo produtivo para a economia nacional.

A verdade é que se trata de um complexo produtivo de relevância nacional, embora localizado em uma cidade média, e esse é, sem dúvida, um aspecto a ser levado em conta, em qualquer análise sobre esta cidade. Ao analisar a evolução do emprego no setor na cidade de Macaé é possível notar uma evolução semelhante ao que se percebe para o Brasil. De forma geral, verifica-se uma evolução positiva do número de empregos entre 2010 e 2013, com 3.619 empregos a mais nesse período.

Por outro lado, existe uma evolução negativa do emprego entre 2014 e 2018, com 10.813 empregos a menos nesse período. Assim, tem-se que o volume de empregos perdidos no período da crise foi mais que duas vezes superior do que o volume de empregos ganhos no período de crescimento econômico.

A partir disso, é possível concluir que a crise apresenta especificidades na economia de Macaé e no setor extrativo, que indicam que esta crise local do setor extrativo foi ainda mais intensa do que a crise em âmbito nacional. Isto fica claro quando se verifica que cerca de 1/3 dos empregos que existiam em 2013, neste setor, foram perdidos em 2018. Portanto, trata-se de uma crise de grande amplitude, que

representa um tremendo impacto no território do município e que, com certeza, extrapola esse território. Isto porque, como se pode constatar também, na tabela, o volume de empregos, em outros municípios da aglomeração, é praticamente desprezível com exceção do município de Rio das Ostras, que constituiu uma ZEN – Zona Especial de Negócios, em terreno contíguo ao terminal Parque de Tubos e que tem recebido empresas, que atuam no ramo *offshore*, fazendo parte do complexo relacionado à exploração de petróleo.

O intenso impacto da crise, neste complexo, de relevância nacional exige a adoção de políticas públicas no sentido de conter os efeitos deletérios da ampliação do desemprego e da contração da renda. Políticas estas que precisam ser pensadas a partir da grande concentração do complexo produtivo na cidade de Macaé, enquanto a população se distribui em toda a aglomeração, gerando intensos fluxos pendulares em relação a este último município. Dentro desse contexto no próximo tópico iremos analisar a evolução da dinâmica da atividade de construção civil.

### ***As consequências da crise do setor de petróleo na produção imobiliária.***

Na cidade de Macaé, atividade da construção civil e a produção imobiliária capitalista dependem diretamente da dinâmica do setor de petróleo e gás analisada no tópico anterior. De forma geral podemos dizer que o setor de petróleo tem um papel claramente indutor enquanto a construção civil e a produção imobiliária capitalista têm um papel claramente induzido. A produção imobiliária, assim como outros setores econômicos presentes na cidade, depende diretamente da renda gerada no setor de petróleo, por isso podemos supor que a dinâmica da produção imobiliária capitalista e as formas de produção não capitalista dependem da dinâmica do setor de petróleo. A Tabela 3 analisa a evolução do número de empregos na construção civil em Macaé, no período 2002-2019.

<b>Tabela 3: Número de empregos na construção civil, Macaé, 2002-2019</b>				
<b>Ano</b>	<b>Const. Civil</b>	<b>Total</b>	<b>Total (variação anual %)</b>	<b>Const. Civil (variação anual %)</b>



2002	8.187	56.521	-	-
2003	6.363	56.937	0.74	-22.28
2004	7.121	63.683	11.85	11.91
2005	8.407	69.409	8.99	18.06
2006	10.173	85.297	22.89	21.01
2007	10.514	92.929	8.95	3.35
2008	12.518	103.159	11.01	19.06
2009	9.279	106.347	3.09	-25.87
2010	7.559	115.775	8.87	-18.54
2011	7.563	132.709	14.63	0.05
2012	10.185	141.734	6.8	34.67
2013	17.289	144.627	2.04	69.75
2014	17.948	147.840	2.22	3.81
2015	15.991	138.950	-6.01	-10.9
2016	15.378	126.871	-8.69	-3.83
2017	8.944	113.996	-10.15	-41.84
2018	10.504	116.527	2.22	17.44
2019	11.899	122.383	5.03	13.28
Fonte: Rais - Relatório Anual de Informações Sociais				

De forma semelhante ao que vimos com o setor de petróleo, temos um forte crescimento do volume total de empregos, entre 2002 e 2014, sendo que o total de empregos em 2014 é quase três vezes maior que o de 2002. Mesmo com a queda do nível de empregos a partir de 2015 o volume de empregos se mantém muito acima dos níveis de 2002, isto talvez se relacione com a duração das obras sendo que deixar as obras inacabadas mesmo diante de um contexto de crise é geralmente uma alternativa pior do que terminar as obras mesmo considerando as fracas possibilidades de venda dos imóveis. A oscilação do volume de emprego na Construção Civil está diretamente relacionada com o crescimento geral da economia o que reforça o caráter cíclico desse ramo, uma vez que a venda das unidades está diretamente ligada a capacidade de renda dos consumidores, capacidade de renda, que neste caso se relaciona diretamente com a dinâmica do setor de petróleo onde estão os mais altos salários.

Uma crise tão avassaladora no setor de petróleo não teria como não afetar a produção imobiliária e o emprego neste setor, especialmente na construção civil que

é diretamente responsável pelas obras dos imóveis desenvolvidos pelos incorporadores. Por outro lado, a participação da construção civil no total de empregos vai caindo ao longo do tempo, sendo que o emprego total era cerca de 7 vezes maior que o emprego na construção civil em 2002 e pouco mais de 8 vezes maior em 2014. Assim embora seja uma atividade com alta capacidade de geração de empregos o ritmo de crescimento do emprego no setor foi menor que o da economia como um todo. As variações de crescimento do setor de construção civil (aumento e queda no emprego) são mais bruscas do que o do emprego total, mostrando que é um setor instável e muito sujeito ao ciclo econômico.

Retomando a discussão sobre a produção do espaço urbano, podemos apontar que a crise tem como efeito imediato uma redução do ritmo do crescimento urbano da cidade, que aparece, por exemplo, na redução dos preços dos imóveis e no aumento do número de imóveis colocados para a venda ou aluguel à meses sem perspectiva de conclusão de negócio, como informa a reportagem do Estadão (ESTADÃO, 2020). Assim a dinâmica econômica na cidade, especialmente no setor de petróleo, influencia diretamente o processo de produção do espaço urbano tanto em seu sentido restrito quanto no sentido amplo. A compreensão dessa dinâmica de produção do espaço urbano na sua intersecção com a dinâmica econômica deve ser melhor compreendida, e especialmente de que forma o planejamento urbano, pode ter um papel ativo e democrático na orientação desse processo.

### ***Considerações finais.***

Neste trabalho buscamos aprofundar um pouco a compreensão do que seria a produção do espaço para que esse termo denote de fato um conceito e não apenas uma noção. Assim a compreensão da especificidade do conceito de produção do espaço partiu como não poderia deixar de ser do conceito de produção, especificamente, do processo de produção de mercadorias na sociedade capitalista. Buscamos analisar esse processo em suas implicações tanto na relação dos homens com a natureza quanto nas relações sociais. No capitalismo a produção se dá a partir da exploração do trabalho vivo nas condições de precariedade estabelecidas pelo duplo sentido da liberdade atribuída ao trabalhador.

Além disso, é fundamental a compreensão do duplo significado do termo produção: um mais restrito, relacionado à divisão técnica do trabalho e outro mais amplo relacionado a divisão social do trabalho. Enquanto as mercadorias em geral se relacionam diretamente com a divisão técnica do trabalho e apenas indiretamente com a divisão social do trabalho, a produção do espaço, considerado conjuntamente nessas duas acepções se relaciona tanto e diretamente com a produção no sentido estrito e no sentido amplo. Em outras palavras a produção do espaço é sempre e simultaneamente um processo de produção particular que gera uma mercadoria particular, quanto um processo geral de produção social do espaço do qual depende a reprodução da sociedade capitalista.

Ao analisar a evolução da urbanização macaense podemos apontar como a concepção estrita e ampliada de produção nos permite compreender a dinâmica contraditória desse processo e seu caráter caótico uma vez que nem o Estado nem a sociedade civil conseguiram atuar para resolver ou atenuar os problemas decorrentes desse processo de urbanização. Em seguida analisamos a dinâmica da atividade de petróleo uma vez que esta tem forte papel indutor da economia macaense e da produção imobiliária capitalista em particular. Como proxy do desempenho econômico da produção imobiliária analisamos a evolução do emprego no setor da construção civil, ramo industrial diretamente responsável pela produção dos imóveis planejados pelos incorporadores. Mostramos como a crise impacta duramente esse setor e como este impacto influencia uma redução do ritmo da produção imobiliária capitalista que aparece na redução do valor dos aluguéis e no aumento do número de imóveis disponibilizados para aluguel ou venda por longos períodos sem conclusão de negócios. Dessa forma este trabalho pretende ser uma contribuição para a compreensão do processo de produção do espaço e suas formas de interação com o desenvolvimento das atividades econômicas.

### ***Referências.***

ALVES, G. Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Praxis/Bauru/Canal 6, 2007.  
BOTTOMORE, T. Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

LEFEBVRE, H. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARX, K. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. O capital: Crítica da economia política. Livro primeiro: o processo de produção do capital. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008.

WOOD, Ellen. Melksins. Democracia contra o capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2011.

BARUQUI, Solange Silva Carvalho. A cidade formal e cidade informal em Macaé: uma análise do crescimento habitacional na década de 90. Dissertação de mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades, Universidade Cândido Mendes - UCAM, Campos dos Goytacazes, 2004.

CORREA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da Economia política. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

PAGANOTO, Faber. Eles não Param de Chegar? A Emergência de Novos Padrões de Mobilidade Espacial da População em Macaé/RJ. Espaço Aberto, v. 2, n. 1, p. 71–84, 2012.

PESSANHA, Roberto Moraes. A relação transescalar e multidimensional Petróleo-Porto como produtora de novas territorialidades. 2017. Disponível em: <<https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/14805>>. Acesso em: 5 set. 2022.

PIQUET, Rosélia. NORTE FLUMINENSE: MUDANÇAS E INCERTEZAS NA ERA DO PETRÓLEO. RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico, v. 6, n. 9, 2007. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/109>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SILVA, Oséias Teixeira da. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO OU O URBANO COMO QUADRO ECOLÓGICO: DISTINTAS E DISTANTES VISÕES TEÓRICAS SOBRE A URBANIZAÇÃO DE MACAÉ - RJ. Geografia: Publicações Avulsas, v. 3, n. 2, p. 21–41, 2021.

SILVA, Oséias Teixeira da. AS PRÁTICAS ESPACIAIS DOS PROMOTORES IMOBILIÁRIOS E OS PADRÕES DE PRODUÇÃO IMOBILIÁRIA EM MACAÉ-RJ. Revista GeoUECE, v. 10, n. 18, p. 19–41, 2021.

SILVA, Oséias Teixeira da. O processo de integração urbana em discussão: o papel dos deslocamentos pendulares na conformação de uma aglomeração urbana não-metropolitana. Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica, n. 16, 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/9470>>. Acesso em: 5 maio 2022.

Cidades do petróleo têm nova onda de dificuldades - Economia. Estadão. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,cidades-do-petroleo-tem-nova-onda-de-dificuldades,70003497544>>. Acesso em: 23 set. 2022.